



OPERAÇÃO CAST LEAD: REPRESENTAÇÕES DA GUERRA ENTRE ISRAEL E PALESTINA NAS PÁGINAS DE NOTAS SOBRE GAZA (2002-2009)

José Rodolfo Vieira *

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

rodolfohistoriauel@gmail.com

RESUMO: O objetivo desse artigo consiste em observar o trabalho do jornalista e quadrinista estadunidense Joe Sacco, intitulado *Notas sobre Gaza*. Nesse trabalho, o autor, por meio de várias entrevistas tenta rememorar os acontecimentos nas aldeias de Khan Younis e Rafah, ambas na Faixa de Gaza, acerca do massacre de novembro de 1956, diante dos litígios que darão início à Guerra de Suez de 1956. No entanto, além de representar a memória dos palestinos que vivenciaram os acontecimentos de 1956, o trabalho de Sacco entrecruza com os acontecimentos que condizem com o período de produção de seu trabalho (2002-2009). Nesse artigo, nossa atenção estará voltada para a Operação Cast Lead, que aconteceu entre o final de 2008 e início de 2009. Para isso, utilizaremos como base teórica o conceito de representações do historiador francês Roger Chartier a fim de analisarmos os sistemas de representações que estavam sendo produzidos concomitante ao período de produção de *Notas sobre Gaza*.

PALAVRAS-CHAVE: Meios de comunicação, História em quadrinhos, Guerra na Palestina, Estados Unidos.

OPERATIONS CAST LEAD: REPRESENTATIONS OF THE ISRAEL-PALESTINE WAR IN THE PAGES OF FOOTNOTES IN GAZA (2002-2009)

ABSTRACT: The aim of this article is to observe the work of American journalist and comic strip artist Joe Sacco, entitled *Footnotes in Gaza*. In this work the author, through several interviews, attempts to recall the events in the hamlets of Khan Younis and Rafah, both in the Gaza Strip, about the November 1956 massacre in the wake of the 1956 Suez War. However, in addition to representing the memory of the Palestinians who experienced the events of 1956, Sacco's work intersects with the events that coincide with the period of production of his work (2002-2009). In this article, our attention will be focused on Operation Cast Lead, which took place between the end of 2008 and beginning of 2009. For this, we will use as theoretical basis the concept of representations of the French historian Roger Chartier in order to analyze

* Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2014). Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2017) e atualmente sou doutorando pela Universidade Estadual Paulista - Campus "Julio de Mesquita Filho" (UNESP/Assis, 2017). Atualmente pesquiso temas relacionados ao 11 de Setembro de 2001 e suas implicações aos conflitos no Oriente Médio, especialmente ao conflito entre Israel e Palestina.

the systems of representations that were being produced concomitantly to the production period of *Footnotes in Gaza*.

KEYWORDS: Media, Comic Strips, War in Palestine, United States.

NOTAS SOBRE GAZA: UM QUADRINHO CONTADO UMA HISTÓRIA PALESTINA

O objetivo deste trabalho consiste em analisar as páginas de *Notas sobre Gaza* como pertencente a um sistema de representações relacionado aos desdobramentos da guerra contra o terrorismo no Oriente Médio, especialmente nas relações pertinentes entre Israel e Palestina. Como fonte e objeto de nossa pesquisa, selecionamos o livro-reportagem em histórias em quadrinhos *Notas sobre Gaza*, do jornalista estadunidense Joe Sacco. *Notas sobre Gaza* foi publicado em 2010, pela editora Companhia dos Quadrinhos, no Brasil. O trabalho de Sacco é resultado de sua viagem à Faixa de Gaza entre 2001 e 2002, cujo foco principal era coletar entrevistas com palestinos e palestinianas que testemunharam os ataques às aldeias de Rafah e Khan Younis em 1956, durante a Crise de Suez, e que posteriormente resultaram na morte de mais de duzentos e cinquenta palestinos.

Sobre o autor, Sacco nasceu na ilha de Malta, em 1960; no entanto, ainda muito jovem rumou para os Estados Unidos, onde concluiu, na década de 1980, o curso de jornalismo pela Universidade do Óregon. Trabalhou como editor na editora para quadrinhos alternativos *Fantasgraphic Books*, mesma editora que publicou seus primeiros trabalhos. O primeiro deles foi *Yahoo*, que descreve o início de sua carreira como jornalista e desenhista, e logo após, nos primeiros anos da década de 1990, o seu trabalho mais promissor, *Palestine* que discorre sobre os acontecimentos da Primeira Intifada Palestina (1987-1993), cujo foco central é expor os acontecimentos da Intifada por meio de relatos dos palestinos. Para Hillary L. Chute (2016, p. 198), ele é uma das figuras mais inovadoras do já tradicional testemunho de violência (jornalismo, fotojornalismo, documentário). Chute ainda salienta que Sacco traz aos leitores questões epistemológicas muito importantes ao utilizar como linguagem comunicativa os quadrinhos (mais importante é traduzir o conflito entre Israel e Palestina em uma linguagem diferente dos outros veículos de comunicação). Dessa forma, os trabalhos em campos de batalha desenhados por Sacco, tanto na Palestina como na Bósnia, são considerados pela autora como uma forma legítima de transmissão inovadora de

conhecimento. A inovação pode ser creditada ao formato escolhido por Sacco, pois, ao contrário dos trabalhos tradicionais de jornalismo, o autor de *Notas sobre Gaza* optou pela linguagem das histórias em quadrinhos para transmitir suas representações e visões de mundo.

Diferentemente de uma história em quadrinhos convencional, cujo enredo possui início, meio e fim bem delimitados ou que possui um arco de narrativa que consiste em várias histórias e que no final tem um encerramento especificado, “*Notas sobre Gaza* não apresenta ao seu leitor um enredo fechado. Pelo contrário, *Notas sobre Gaza* não possui um desfecho, possivelmente pelo fato de seu autor compreender que a questão da Palestina ainda não encontrou resolução, característica essa que pode ser creditada ao gênero de Jornalismo em Quadrinhos de seus trabalhos. Para Alexander Danner e Dan Mazur (2014), uma das características do Jornalismo em Quadrinhos é a junção de elementos tanto do jornalismo como da prática jornalística. Conforme a análise de Danner e Mazur:

[...] O trabalho de Sacco combinava memórias e reportagem, demonstrando o potencial dos quadrinhos, junto com a prosa e filme/vídeo, como um meio para um jornalismo profundo e emocional. Os elementos específicos de quadrinhos, incluindo caricatura e exagero – no caso de Sacco, a inclusão do artista/repórter como personagem –, levantam questões próprias, forçando o jornalista a enfrentar a inevitável subjetividade da atividade jornalística. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 237).

Portanto, tanto elementos gráficos das Histórias em Quadrinhos, tais como os balões de comunicação, os requadros (ou vinhetas) que estabelecem a disposição de uma imagem produzida pelo desenhista, as caixas de referências, enfim, todos pertencem também ao campo do Jornalismo em Quadrinhos. O que os diferencia é, sobretudo, o tema abordado em suas páginas. Não mais os heróis ou o gênero de aventura serão tratados, mas sim a pauta escolhida por seu criador. Para Santiago García (2012), essa foi uma das inovações trazidas por Sacco em seu estilo. Segundo Garcia:

Na verdade, Sacco realizou suas grandes reportagens para si mesmo, não para instituições jornalísticas, aplicando com absoluta liberdade os princípios subjetivistas do ‘Novo Jornalismo’ aos quadrinhos, em especial ‘a colocação em primeiro plano da perspectiva individual como consciência organizadora’. Na verdade, Sacco, que introduz como um personagem a mais em suas histórias, aparecendo-as assim como os quadrinhos autobiográficos, explora todos os recursos próprios que os

quadrinhos colocam à sua disposição e que ficariam fora do alcance de uma simples reportagem em prosa [...]. (GARCIA, 2012, p. 275).

Dessa maneira, podemos observar a liberdade de escolha da pauta nas reportagens produzidas por ele, já que não produz para nenhum grande veículo de informação, possibilitando-lhe transitar por assuntos não investigados por outros meios de comunicação. Portanto, sendo Sacco um quadrinista que empreende em seus trabalhos técnicas do jornalismo, a hipótese norteadora desse trabalho tenta compreender os motivos de sua escolha em descrever, logo após os ataques do 11 de Setembro, nos Estados Unidos, país no qual vive, os massacres na Palestina de meados da década de 1950.

Os argumentos que sustentam nossa hipótese residem na escalada de violência no Oriente Médio e na repercussão da Guerra contra o Terror na Palestina, ambos alinhados ao papel dos meios de comunicação na construção do terrorista muçulmano como sendo o novo inimigo a ser abatido. Sobre a escalada de violência no Oriente Médio, é importante ressaltar que, logo após os ataques ao *World Trade Center* e ao Pentágono, o governo de Washington mudou rapidamente as estratégias de política externa e iniciou uma agenda considerada como neoconservadora. Para confirmar tal afirmação, o historiador inglês Perry Anderson (2015) aponta que o 11 de Setembro alterou os rumos da política externa estadunidense que vinha sendo adotada desde o governo Clinton para a redução substancial nas forças armadas logo após a queda da União Soviética. Dessa forma, com os ataques em 2001, os investimentos bélicos, que vinham apresentando recuo, passaram a alavancar nesse curto espaço de tempo.

Essa disposição do governo estadunidense em ampliar seu investimento no arsenal militar após o 11 de Setembro coincide com o advento das ideias neoconservadoras. Primeiramente, torna-se importante compreender o que significa esse pensamento neoconservador estadunidense. Para Francis Fukuyama (2006), que se considerava um neoconservador, mas que por iniciativa própria resolve sair do grupo por discrepâncias na forma de conduzir a política externa dos Estados Unidos, o neoconservadorismo é um conjunto coerente de ideias que possuem raízes arraigadas em várias tradições estadunidenses do século XX. Formado inicialmente por notáveis intelectuais judeus anticomunistas, tinha, a princípio, propostas para as políticas internas dos Estados Unidos. Com o decorrer do tempo, o desenvolvimento do grupo deu os primeiros passos para se pensar a política externa. Fukuyama destaca o pensamento de

“mudança de regime”, proposto por Leo Strauss, e o conceito de “primeiro ataque” como prevenção, de Albert Wohlstetter, como considerações básicas para o alicerce da política externa da agenda neoconservadora estadunidense.

No entanto, essas ideias não foram tomadas adiante até o fim da Guerra Fria. Somente com o colapso da União Soviética os Estados Unidos se tornam, aos olhos de muitos, uma potência unipolar. Unipolaridade essa que legitimava as ideias neoconservadoras que visavam à condução dos Estados Unidos como o grande líder mundial. Dentre os aspectos da política externa neoconservadora, surge a crença de que o poder estadunidense tem sido e deve continuar sendo usado para fins de moralidade e de que é de extrema importância que os Estados Unidos permaneçam, sempre que necessário, envolvidos nos assuntos internacionais. Com os ataques de 11 de Setembro, esses aspectos da política externa neoconservadora são possíveis de serem observados nas ações tomadas pelo governo de Bush:

O governo Bush reagiu àquele evento sem precedentes com novas políticas drásticas e amplas. Em primeiro lugar, criou uma agência federal inteiramente nova, o Departamento de Segurança Interna, e fez com que o Congresso aprovasse a Lei Patriota (Patriot Act), concebida para dar maiores poderes às autoridades políticas na ação contra suspeitos de terrorismo. Em segundo lugar invadiu o Afeganistão, um país sem litoral, situado no outro lado do mundo, e depôs o regime talibã que havia dado abrigo ao al-Qaeda. Em terceiro, anunciou uma nova doutrina estratégica de ação preventiva – na verdade, uma doutrina de guerra preventiva – que levaria a guerra até o inimigo, em vez de se basear em dissuasão e contenção, que eram as bases da política da Guerra Fria. E, em quarto lugar, invadiu o Iraque e depôs o regime de Saddam Hussein com base na alegação de que ele possuía ou estava planejando adquirir armas de destruição em massa. (FUKUYAMA, 2006, p. 56).

Ao que tudo indica, essas ações só foram possíveis mediante a aceitação da opinião pública nos Estados Unidos. O fato de o governo Bush, em 18 meses após os ataques, levar os Estados Unidos a duas guerras no Oriente Médio demonstra como tudo mudou após a investida de Bin Laden e como a população estadunidense exigia um conjunto de respostas políticas por parte do governo de Washington. O que podemos, então, concluir com isso é que, de alguma maneira, a opinião pública estadunidense foi totalmente favorável à aventura no Oriente Médio, pelo menos no início das campanhas no Afeganistão e no Iraque. Mas a questão que devemos fazer aqui é como foi possível fazer com que os estadunidenses concordassem com a ideia beligerante idealizada pela

agenda neoconservadora. Autores como Susan Willis nos dão a ideia do sentimento que viviam os estadunidenses após os ataques do 11 de Setembro:

O ataque às Torres Gêmeas quebrou nosso sentimento encantado de invulnerabilidade e isolamento. Repetidamente, nossa nação se mostrou tão vulnerável quanto outras partes do planeta. Embora o ataque às torres tenha sido um evento único, que não pode jamais ser replicado, sua facticidade implora por repetição. Assim, vivemos à sombra de uma inevitabilidade ainda mais temerosa, já que ninguém pode prever quando ou onde o desastre ocorrerá. A CIA, o FBI, a NSA constituem uma babel da desinformação. As estimativas semeiam dúvida enquanto os órgãos de inteligência se tornam bodes expiatórios para a guerra oportunista de nosso governo. (WILLIS, 2008, p. 90).

É ao medo irracional instaurado nos Estados Unidos após o 11 de Setembro que as palavras de Willis nos direcionam. Os ataques quebraram o sentimento de segurança que existia dentro dos Estados Unidos, pois a última vez que o território estadunidense havia sido atacado ocorreu em Pearl Harbor, em 1941. Para uma nação que sempre esteve na posição de ataque, que sempre lutou pela democracia em solo estrangeiro, os ataques do 11 de Setembro simbolizavam que os Estados Unidos estavam tão expostos como qualquer outro país do Terceiro Mundo. O medo irracional foi ganhando forma e poder com desdobramentos após os ataques. É nesse momento que o poder da propaganda política foi fundamental para que os estadunidenses apoiassem os planos de governo da agenda neoconservadora. Para Noam Chomsky (2013), um dos maiores críticos da política externa estadunidense, para que os meios de comunicação aliados ao governo e à propaganda política do Estado tenham resultados favoráveis, é preciso falsificar completamente a história, ou seja, só assim é possível passar a impressão de que quando os Estados Unidos atacam ou destroem outra nação, na verdade, estão defendendo e protegendo o mundo de monstros e agressores perigosos.

Esse efeito é nomeado por Jan Pieterse Nederveen (2009) como a “bolha americana”. Nessa bolha, com frequência, tem-se a impressão de que apenas os Estados Unidos e o Oriente Médio têm relevância no mundo. Apesar de outras localidades também serem noticiadas pelas redes televisivas e pelos periódicos estadunidenses, o Oriente Médio, em especial, ocupa grande parte das manchetes diárias. Além disso, a retroalimentação de informações sobre o Oriente Médio é constantemente enviesada por um alinhamento entre o nacionalismo americano e o israelense. Diante desse posicionamento, a construção do inimigo é efetivada pela propaganda política nos meios

de comunicação. A construção da crescente ameaça foi indispensável para a legitimação do discurso governamental de Washington. Porém, é demasiadamente importante ressaltar que o Oriente Médio não foi uma construção datada pós 11 de setembro de 2001. Muito pelo contrário, o Oriente Médio é representado no Ocidente de maneiras variadas conforme a necessidade de cada temporalidade. Edward Said é um bom exemplo que podemos citar sobre essa situação. Para Said:

Desde sua fundação em 1948, Israel exerceu um domínio extraordinário no que diz respeito ao conhecimento, ao discurso político, à presença internacional e ao reconhecimento. Tornou-se Israel para representar o que há de melhor nas tradições ocidentais e bíblicas. Seus cidadãos eram soldados, sim, mas também agricultores, cientistas e artistas, sua transformação milagrosa de uma “terra árida e deserta” conquistou e continua a conquistar admiração universal. Enquanto isso, os palestinos ou eram “árabes” ou criaturas anônimas, capazes apenas de romper e desfigurar uma narrativa fantástica e idílica. Mais importante ainda, Israel representava (embora nem sempre desempenhasse esse papel) uma nação em busca de paz, ao passo que os árabes eram belicosos, sanguinários, exterminadores em potencial e reféns mais ou menos eternos de uma violência irracional. (SAID, 2012, p. xxv).

Não obstante, os Estados Unidos não estavam sozinhos nessa empreitada contra o Oriente Médio. Israel sempre demonstrou ser de grande importância para as ambições estadunidenses na região e essa é uma das chaves para compreendermos a relação entre o 11 de Setembro e a escalada da violência na Palestina. Nesse ínterim, a disputa pela verdade e pela legitimação de um consenso governamental estava disposta nos discursos e na literatura acerca do assunto. Por exemplo, no campo da literatura especializada, pensadores importantes como Bernard Lewis (2004), considerado um dos grandes especialistas em Oriente Médio, declarava que o presidente Bush e os demais políticos ocidentais fizeram grande esforço para esclarecer que a guerra no Oriente Médio é contra o terrorismo e não contra os árabes. Por outro lado, o renomado filósofo esloveno Slavoj Žižek (2003) denunciava a guerra desigual que acontecia entre o preparado exército israelense que atacava e destruíam sistematicamente a infraestrutura palestina. Portanto, é sobre esse lado da guerra contra o terrorismo que permeiam as páginas de *Notas sobre Gaza*. Não é sobre a aventura do soldado estadunidense e as conquistas que ele trouxe para a América, mas sobre as representações da repressão e as consequências da aliança entre Israel e Estados Unidos para com o povo palestino na Faixa de Gaza.

Assim sendo, para respaldar teoricamente este estudo, utilizaremos o conceito de representações do historiador francês Roger Chartier (1990, p. 17) ao discorrer que “As representações do mundo sociais assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proféticos com a posição de quem os utiliza”. Dessa maneira, reconhecemos a existência de grupos díspares que divergem sobre os desdobramentos após o 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos. Nossa intenção não é delimitar um grupo como sendo dominante e o outro como dominado, mas compreender que ambos produzem seus próprios sistemas de representações e lutam entre si pelo poder e pela legitimação de sua visão de mundo. Enquanto um grupo – representado, aqui, na figura dos meios de comunicação estadunidenses e dos especialistas, como Lewis – contribui para o fortalecimento da “bolha americana”, por outro lado, há um outro em que incluímos intelectuais como Chomsky e o trabalho de Sacco, que rebatem as ideias difundidas pelo primeiro grupo. Nesse campo de litígio, cabe a nós investigar esses discursos que, de forma alguma, se apresentam como neutros, mas que produzem estratégias e práticas que tendem a impor sua autoridade às custas dos outros.

Para esse caso em específico, metodologicamente estaremos embasados nos estudos de análise de imagem de Ulpiano T. Bezerra de Menezes (2002), ao propor a objetivação da imagem em sua análise. Em vez de observar seus signos semióticos, será importante traçar um exame de outras fontes que estão além da imagem, percorrer outros documentos e, assim, voltar à imagem, para que esta assuma seu caráter de emblema. Segundo Menezes:

Trabalhar historicamente com imagens obriga a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação consumo e ação. Isto não significa que a pesquisa deva desembocar numa summa enciclopédica – inclusive porque convém que a pesquisa histórica deva ser triangulada por problemas. Além disto, como deixou bem claro, o caso em exame, o potencial de cada componente pode apresentar variações consideráveis, impedindo que se defina a priori uma estratégia-padrão. Seja como for, não é possível continuar privilegiando o estudo da imagem em si, distinta de sua biografia, sua carreira, sua trajetória. (MENEZES, 2002, p. 148).

Portanto, a partir da análise criteriosa e investigativa da página de apresentação de *Notas sobre Gaza*, buscaremos traçar sua trajetória ao cruzarmos os elementos

constantes na imagem com outras fontes que possam contribuir para a compreensão dos elementos de sua produção.

OPERAÇÃO “CAST LEAD”: UMA NOVA NOTA DE RODAPÉ

Como observamos até o momento, logo após o 11 de Setembro, o medo irracional foi instaurado com o intuito de legitimar a agenda neoconservadora estadunidense de hegemonia benevolente e de ataques preventivos contra o iminente perigo que o terrorismo então trouxera para o mundo civilizado. A partir de então, um dos pontos destacados pela nova política externa estadunidense respalda-se na colaboração das nações aliadas para o combate ao terrorismo. No Oriente Médio, Israel é, por excelência, um dos maiores aliados estadunidenses para o combate às forças do “eixo do mal”. Sobre a relação entre Israel e Estados Unidos na Guerra contra o Terror, Carlos Dorneles (2003) discorre:

Em 3 de outubro (2001) Sharon telefonou ao general Colin Powell, secretário de Defesa americano, solicitando que incluísse os grupos Hamas, Jihad Islâmica e Hezbollah na lista de alvos da “coalização antiterror”. Pedido atendido, e não só pelo governo americano. A imprensa em geral já tinha demonstrado como vê o conflito no Oriente Médio ao incluir os conflitos entre os palestinos e Israel nas páginas de cobertura que tinham como selo ‘Guerra contra o Terror’.
(DORNELES, 2003, p. 240).

Aliado ao interesse de Ariel Sharon de incluir o grupo Hamas da Palestina na lista dos grupos terroristas, os dados levantados pela UPPSALA University (2018), em seu projeto de mapeamento de mortes por armas de fogo pelo mundo, apresentaram que, nos anos correspondentes entre 2000 e 2009, foram registradas 5208 mortes no quadrante Israel e Palestina, sendo que 4137 são contabilizadas para as Forças de Defesa de Israel (FDI). Esse número se torna mais expressivo quando comparado à década anterior (1990-1999), que registrou 608 mortes na região.

De acordo com esses dados e com a afirmação de Dorneles (2003) sobre o interesse de Sharon de inserir o Hamas na lista de grupos terroristas, é possível averiguar alguns dos motivos que levaram à escalada da violência na região após os ataques do 11 de Setembro. Na presença desses dados é que *Notas sobre Gaza* pode ser esclarecedora sobre a escalada de violência na região durante seu período de produção e não necessariamente sobre o discurso. Primeiramente, devemos levar em consideração que

Sacco vivia nos Estados Unidos nesse período e, portanto, toda a discussão debatida na imprensa era de seu conhecimento. Deve-se também mencionar que Sacco conhece, de perto, o conflito entre Israel e Palestina, muito por conta de seu trabalho nos territórios ocupados entre 1991 e 1992. Por fim, e não menos importante, *Notas sobre Gaza* foi produzido para um público estadunidense, ou seja, o mesmo público que havia, até então, apoiado o governo dos Estados Unidos a lutar duas guerras no Oriente Médio, uma em 2001 e outra em 2003.

Essa relação entre o presente vivenciado pelo autor durante o processo de produção de seu trabalho (2002-2009) e o passado representado por ele (1956) pode ser explicada pelo conceito de livro-reportagem/histórica de Edivaldo Pereira Lima. Segundo Lima (2004), o livro-reportagem “Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual”. Diante dessa informação, algo que chamou muito a atenção em *Notas sobre Gaza* foi a inserção de páginas datadas fora de sua temporalidade linear de desenho. Ou seja, Sacco desenhou *Notas sobre Gaza* de março de 2005 até abril de 2009. Essas páginas foram desenhadas de forma linear, isto é, cada capítulo corresponde a aproximadamente um mês de trabalho. Isso pode ser confirmado ao examinar a prática de Sacco de colocar datas em todas as páginas que desenha. Porém, existem alguns momentos em que essa linearidade é rompida e podem ser observadas as páginas de inserção que saem do padrão de seu trabalho.

É na fuga desse padrão que os elementos que relacionam o presente e o passado podem ser observados. No segundo capítulo de seu livro, intitulado *Notas sobre Gaza* (Imagem 1), desenhado entre abril e maio de 2005, há uma inserção datada entre janeiro e fevereiro de 2009. Outros capítulos também sofreram processo parecido, mas, curiosamente, esse caso foi escolhido por ser uma página inserida no início de *Notas sobre Gaza*. A página acrescentada foi produzida em janeiro de 2009, muito perto da finalização e publicação do trabalho de Sacco (publicado nos Estados Unidos em dezembro de 2009). Em linhas gerais, esse capítulo pode nos levar à compreensão do significado daquilo que ele denomina de “notas de rodapé”, pois, conforme a definição dada pelo autor na página subsequente da Imagem 1:

A história é capaz de sobreviver sem as notas de rodapé. Elas nem sempre são necessárias, e muitas vezes acabam desviando o foco da narrativa principal. De tempos em tempos, à medida que surgem edições mais abrangentes e atualizadas da história, algumas notas de rodapé são simplesmente descartadas. E dá para entender o porquê... A história está sempre em movimento. Produz novas páginas a cada hora, a cada minuto. Digere como pode os eventos para abrir espaço aos mais recentes. A guerra de 1956 Hã? (SACCO, 2009, p. 9).

Imagem 1. Notas de Rodapé da Crise de Suez



Fonte: SACCO, 2010, p. 8

Sacco demonstra conhecer a aceleração dos eventos e, conseqüentemente, o esquecimento desses eventos. Esses acontecimentos esquecidos são denominados por ele como “secundários”. O exemplo empreendido para explicar esses eventos “secundários” traz à luz a Crise de Suez de 1956. Em uma análise macro do evento, Ruy Alves Jorge descreve que: “A 29 de outubro de 1956, Israel, a França e a Inglaterra atacam simultaneamente o Egito. No dia 26 daquele mesmo ano, Nasser tinha nacionalizado o canal de Suez em represália a negativa dos Estados Unidos e da Inglaterra em conceder empréstimo para a construção da represa que os russos emprenderiam mais tarde”

(JORGE, 1975, p. 156). Em uma disposição um pouco mais voltada para uma análise micro do evento, André Gattaz afirma que:

Os anos de 1951-56, especialmente, marcaram-se pela sequência de massacres realizados contra aldeias e cidades palestinas – verdadeiros *pogroms*, parte de um ‘programa de ódio racial elevado ao nível de política de Estado e executado eficientemente pelo aparato oficial do Estado’. Entre os nomes de triste lembrança na memória palestina aparecem cidades como Qibia, Karf Kasim, Khan Younis e Gaza. (GATTAZ, 2003, p.137).

Ainda longe de uma análise apurada e investigativa sobre os eventos na Faixa de Gaza em 1956, Gattaz faz referência aos massacres em Khan Younis, que, segundo seu apontamento, deixaram 275 palestinos mortos a sangue frio. No entanto, essa informação está inserida em um quadro muito maior de análise, que se concentra em averiguar a escalada de violência na região. Ao que tudo indica, diante de uma nova onda de violência na Palestina, assim como ocorreu em 1956, a pretensão de Sacco é não deixar que esse evento, ocorrido em janeiro de 2009, também se torne um acontecimento “secundário” e, conseqüentemente, esquecido.

Dessa maneira, como essa imagem pode trazer informações relevantes sobre os acontecimentos em 2009, mesmo tendo sido desenhada inicialmente para descrever sobre a Palestina da década de 1950? A primeira página do capítulo (imagem 1) pode ser muito elucidativa para essa discussão. Na parte superior da imagem, verifica-se um amotinado de soldados, possivelmente das Forças de Defesa de Israel (FDI). No lado esquerdo superior, os soldados estão, de modo furtivo, atrás de um tanque de guerra, enquanto, no lado direito, é possível observar outro soldado que vai ao encontro dos demais. No fundo, a aldeia de Khan Younis encontra-se destruída pelo ataque aéreo. Em primeira análise, essa representação parece fazer alusão aos acontecimentos de 1956. No entanto, ao mesmo tempo, a imagem aparenta ser o indício da representação entre o presente e o passado na Palestina. Primeiramente, essa imagem é uma página de inserção, ou seja, foi produzida fora do percurso linear de trabalho de Sacco. O capítulo todo foi desenhado entre abril e maio de 2005, e essa imagem foi desenhada em janeiro de 2009. Essa situação nos leva a uma busca nos arquivos digitais das Nações Unidas referentes a janeiro de 2009, em busca de tentar compreender o que estava acontecendo na região nesse respectivo mês. Os resultados da busca demonstraram o agravamento de uma operação

estabelecida por Israel, que teve início em 27 de dezembro de 2008, denominada Operação “Cast Lead”¹.

A Operação “Cast Lead”, assim denominada pelos israelenses, e chamada de “Massacre de Gaza” pelos árabes, começou no dia 27 de dezembro de 2008, após seis meses de trégua, assinada entre o Hamas e o Estado de Israel. Como Israel não suspendeu seu bloqueio à Faixa de Gaza, o Hamas iniciou uma ofensiva de ataques com foguetes contra Israel. Em contrapartida aos ataques do Hamas, Israel começou sua operação na Faixa de Gaza. O resultado final desse intensivo ataque contra a Faixa de Gaza foi a morte de mais de 1400 palestinos e cerca de 5000 feridos. Dentre esses números, existe uma centena de civis, incluindo 300 crianças, 115 mulheres e 85 homens acima de 50 anos de idade (AMNESTY INTERNATIONAL, 2006, p. 6). No apelo emitido pela UNWRA das Nações Unidas em 02 de janeiro de 2009:

Como sabem, a Faixa de Gaza está sob forte ataque militar desde a manhã de sábado, 27 de dezembro. Os atentados afetaram milhares de civis, incluindo refugiados que representam mais de 70% da população em Gaza. A UNRWA envidou todos os esforços possíveis para continuar suas atividades, sempre que possível, e prestar assistência emergencial às pessoas afetadas pela escalada do conflito. Embora o futuro imediato permaneça incerto, a extensão dos danos estruturais e do sofrimento humano até o momento e a probabilidade de hostilidades prolongadas exige que a Agência esteja preparada para atender às necessidades de um número crescente de civis afetados nos próximos dias e semanas. (UNITED NATIONS, 2009)².

Nesse apelo, a UNWRA solicita às Nações Unidas a quantia de US\$ 34 milhões em estado de emergência devido aos ataques realizados pela força aérea israelense desde o dia 27 de dezembro de 2008. Ao procurarmos na imprensa a cobertura sobre os acontecimentos, foi localizada a reportagem assinada por Ethan Bronner e Taghreed El-Khodary, para o *The New York Times* de 03 de janeiro de 2009, em que diziam que o objetivo declarado de Israel era destruir a infraestrutura do Hamas, considerado como

¹ A tradução literal de “Cast Lead” para a língua portuguesa é “Chumbo Fundido”, no entanto, utilizarei o termo em inglês com o intuito de facilitar a confirmação das informações.

² No original: “As you are aware, the Gaza Strip has been under heavy military attack since the morning of Saturday, 27 December. Bombings have affected thousands of civilians including refugees, who represent over 70% of the population in Gaza. UNRWA has made all possible efforts to continue its activities, whenever possible, and to provide emergency assistance to those affected by the escalation of the conflict. Although the immediate future remains uncertain, the extent of structural damage and human suffering to date and the likelihood of protracted hostilities require that the Agency be prepared to meet the needs of a growing number of affected civilians in the days and weeks to come”. (Tradução livre).

grupo militante islâmico que está no controle de Gaza, e advertem que a campanha poderia levar muitos dias para se findar completamente (BRONNER; EL-KHODARY, 2009). No mesmo tom, o portal de informações das Forças de Defesa de Israel (FDI) também afirma que o motivo da operação era destruir a infraestrutura utilizada pelo Hamas em suas práticas terroristas. As práticas terroristas descritas pelas Forças de Defesa de Israel estão relacionadas aos lançamentos de foguetes contra os civis israelenses. Dessa maneira, as informações representadas pelas FDI demonstram que Israel iniciou a operação com o intuito de defender os civis israelenses, e que o objetivo da operação era pontual contra os terroristas e pessoas ligadas ao Hamas e não buscavam atacar nenhum civil palestino. O portal das Forças de Defesa de Israel ainda enfatiza a eficácia da operação:

Durante a operação, a FDI também atacou as casas de altos funcionários do Hamas. Na noite do quarto dia da operação, uma aeronave da IAF atingiu três prédios do governo do Hamas no bairro de Tel Awa, onde o Hamas administrou, financiou, planejou e executou atividades terroristas. Uma auditoria revelou que os escritórios dos Ministros das Relações Exteriores, Finanças, Trabalho, Construção e Habitação e a sede da organização foram completamente destruídos. (IDF, 2018)³.

No decorrer da operação, os meios de comunicação noticiavam que, mesmo após os ataques de Israel, o Hamas não diminuía as investidas contra alvos civis israelenses. No dia 28 de dezembro de 2008, Isabel Kershner e Taghreed El-Khodary (2008), para o *The New York Times*, descrevem sobre os ataques vindos de Gaza que fizeram com que “Milhares de israelenses corresse para abrigos antiaéreos em meio à chuva de foguetes, incluindo alguns modelos de longo alcance que chegaram mais ao norte do que nunca. Um homem foi morto na cidade de Netivot, a primeira morte por foguetes desde que se intensificou há uma semana e quatro ficaram feridos”⁴. Além disso, o artigo ainda enfatizava as declarações do líder do governo do Hamas, Ismail Haniya, de que

³ No original: “During the operation, the IDF also attacked the houses of senior Hamas officials. On the night of the fourth day of the operation, an IAF aircraft hit three buildings of the Hamas government in the Tel Awa neighborhood, where Hamas managed, financed, planned and carried out terrorist activities. An audit revealed that the offices of the Ministers of Foreign Affairs, Finance, Labor, Construction and Housing and the headquarters of the organization had been completely destroyed.”. (Tradução livre).

⁴ No original: “Thousands of Israelis hurried into bomb shelters amid the hail of rockets, including some longer-range models that reached farther north than ever before. One man was killed in the town of Netivot, the first death from rocket fire since it intensified a week ago, and four were wounded.” (Tradução livre).

continuariam lutando contra Israel, e do líder supremo do Hamas, Khaled Meshal, ao Al-Jaazera, convocando os palestinos para uma nova Intifada.

Conforme essas informações, emitidas pelos repórteres do *The New York Times* e da FDI, ficam evidentes nessas visões de mundo que Israel estava se defendendo dos ataques de foguetes do Hamas. Por essa perspectiva, a operação “Cast Lead” foi necessária para dismantelar e enfraquecer o grupo terrorista Hamas e findar sua luta nefasta de destruir o Estado de Israel. Os alvos selecionados eram estratégicos, aspirando somente aos túneis que fortaleciam o abastecimento de armas e às residências em que viviam nomes fortes relacionados ao Hamas.

Visando agora compreender a outra perspectiva da Operação “Cast Lead”, ao retornarmos à imagem 1, a presença de vários aviões sobrevoando a já destruída aldeia de Khan Younis e o tanque estacionado no lado esquerdo da página podem nos trazer outras informações acerca da execução da Operação “Cast Lead”. Sobre os ataques israelenses na Faixa de Gaza, a Anistia Internacional afirma em seu relatório que:

Centenas de civis foram mortos em ataques realizados com armas de alta precisão - soltando no ar bombas e mísseis reservatórios. Outros, incluindo mulheres e crianças, foram alvejados a tiro curto mesmo quando não representavam nenhuma ameaça para a vida dos soldados israelenses. Bombardeios aéreos lançados a partir de aviões de combate israelenses F-16 destruíram casas de civis sem aviso, matando e ferindo dezenas de seus habitantes, muitas vezes enquanto dormiam. Crianças brincando nos telhados de suas casas ou na rua e outros civis fazendo seus negócios diários, bem como a equipe médica que atendia os feridos foram mortos em plena luz do dia por mísseis *Hellfire* e outros mísseis altamente precisos lançados a partir de helicópteros e veículos aéreos não tripulados (UAVs), ou drones, e por projéteis de precisão disparados de tanques. (AMNESTY INTERNATIONAL, 2009, p. 1)⁵.

Ou seja, nos primeiros dias da operação, houve intenso ataque aéreo na região. Dessa maneira, desenhar os aviões sobrevoando a já arrasada aldeia de Khan Younis pode também ser a representação dos ataques da operação “Cast Lead” em 2009.

⁵ No original: “Hundreds of civilians were killed in attacks carried out using high-precision weapons – airdelivered bombs and missiles, and tank shells. Others, including women and children, were shot at short range when posing no threat to the lives of the Israeli soldiers. Aerial bombardments launched from Israeli F-16 combat aircraft targeted and destroyed civilian homes without warning, killing and injuring scores of their inhabitants, often while they slept. Children playing on the roofs of their homes or in the street and other civilians going about their daily business, as well as medical staff attending the wounded were killed in broad daylight by Hellfire and other highly accurate missiles launched from helicopters and unmanned aerial vehicles (UAVs), or drones, and by precision projectiles fired from tanks.” (Tradução livre)

Possivelmente, os aviões também foram desenhados para representar a mudança no padrão de ataque das Forças de Defesa de Israel. Ainda segundo o relatório da Anistia Internacional, uma nova prática por parte das FDI foi deflagrada durante a operação “Cast Lead”. Esse novo procedimento é conhecido como “bater no telhado”. Essa prática envolve disparar um míssil “*teaser*” contendo pouco ou quase nenhum explosivo no teto de uma casa, com o intuito de assustar os moradores para, assim, fugirem dela. Quando o míssil é disparado em direção a uma casa, é sinal de que a edificação se tornou, então, um novo alvo, e que em poucos minutos uma grande bomba será lançada contra a residência (AMNESTY INTERNATIONAL, 2009, p. 11).

Esse argumento levanta uma questão muito importante, pois, enquanto os meios de comunicação e as Forças de Defesa de Israel afirmam que seu objetivo era somente a destruição da infraestrutura e a morte de membros do Hamas, por outro lado, os dados levantados pela Anistia Internacional e pelas Nações Unidas direcionam a questão para o ataque contra os civis. O caso citado pela Anistia Internacional, referente à Randa Salha, exemplifica a aplicabilidade do procedimento “bater no telhado” contra os civis palestinos por parte de Israel:

Randa Salha, 34 anos, mãe de sete filhos, foi morta com quatro de seus filhos – de um ano de idade Roula, Baha al-Din, de quatro anos, Rana, de 12 anos, e Diya 'al-Din, de 14 anos, quando as Forças israelenses bombardearam sua casa no Projeto Habitacional Beit Lahia (Mashru'a Beit Lahia) no meio da noite de 9 de janeiro de 2009. Fatma, a irmã de 22 anos de idade de Randa, também foi morta no ataque. Somente mulheres e crianças estavam na casa na época: Randa e seus sete filhos, ela e a irmã e sua cunhada e seus dois filhos, que estavam hospedados lá porque pensavam que seria mais seguro do que suas próprias casas. O marido de Randa, Fayez Salha, um empregado da UNRWA (Agência de Assistência e Trabalho das Nações Unidas para Refugiados da Palestina no Leste), estava no trabalho. (AMNESTY INTERNATIONAL, 2009, p. 11)⁶.

Portanto, ao contrário das informações apresentadas pelas FDI ou pelos meios de comunicação estadunidenses, essa afirmação da Anistia Internacional demonstra que

⁶ No original: “Randa Salha, a 34-year-old mother of seven, was killed with four of her children – one-year-old Roula, Baha al-Din, aged four, Rana, 12, and Diya' al-Din, 14, when Israeli forces bombed her home in the Beit Lahia Housing Project (Mashru'a Beit Lahia) in the middle of the night on 9 January 2009. Randa's 22-year-old sister Fatma was also killed in the attack. Only women and children were in the house at the time: Randa and her seven children, her sister and her sister-in-law and her two children, who were staying there because they thought it would be safer than their own homes. Randa's husband, Fayez Salha, an employee of UNRWA (the United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East), was at work.” (Tradução livre).

houve, de fato, um ataque que visava outros objetivos além da destruição da infraestrutura do Hamas. No entanto, não podemos afirmar que todos os meios de comunicação estavam totalmente direcionados a dizer que a operação “Cast Lead” era uma legítima forma de defesa por parte de Israel. Clancy Chassay e Julian Borger (2009), para o jornal britânico *The Guardian*, no dia 24 de março de 2009, ou seja, quase dois meses após o fim da operação, publicaram um dossiê dizendo conter provas detalhadas de supostos crimes de guerra cometidos pelo Estado de Israel durante a ofensiva contra a Faixa de Gaza. Entre os crimes apurados por Chassay e Borger estava o bloqueio à passagem de ambulâncias, em casos de civis incendiados por aeronaves não tripuladas e a utilização de escudos humanos por parte dos soldados de Israel. Segundo a matéria:

Alguns dos testemunhos mais dramáticos recolhidos pelo *The Guardian* vieram de três irmãos adolescentes da família al-Attar. Eles descrevem como eles foram levados de casa sob a mira de uma arma, feitos para se ajoelharem diante dos tanques israelenses para impedir que os combatentes do Hamas disparassem, e enviados por soldados israelenses para as casas palestinas para eliminá-los. "Eles nos obrigavam a ir em primeiro lugar, então, se algum deles atirar neles, as balas nos atingirão, não a eles", disse Al'a al-Attar, de 14 anos. (CHASSAY; BORGER, 2009)⁷.

Existe uma grande quantidade de informações que não foram totalmente esclarecidas pelos meios de comunicação estadunidenses, ou seja, as consequências referentes aos ataques israelenses à Faixa de Gaza para o povo palestino. Muitos outros eventos ocorreram e não tiveram repercussão, como, por exemplo, os grafites deixados pelos soldados israelenses nas casas palestinas que usaram como esconderijo durante a operação: frases ameaçadoras, como “Morte aos árabes”, e “Um árabe bom é um árabe morto”. Esse vandalismo gratuito, segundo o relatório da Anistia Internacional, preocupa por demonstrar a mentalidade de certos soldados e de alguns comandantes do exército israelense. Assim, a questão que fica é se a operação tinha realmente cunho defensivo ou se foi utilizada força excessiva contra os palestinos.

Outra informação que parece ter sido omitida sobre a operação “Cast Lead” estava relacionada aos bloqueios contra a Faixa de Gaza. As Forças de Defesa de Israel

⁷ No original: “Some of the most dramatic testimony gathered by the Guardian came from three teenage brothers in the al-Attar family. They describe how they were taken from home at gunpoint, made to kneel in front of Israeli tanks to deter Hamas fighters from firing, and sent by Israeli soldiers into Palestinian houses to clear them. ‘They would make us go first so if any fighters shot at them the bullets would hit us, not them’, 14-year-old Al'a al-Attar said.” (Tradução livre).

confirmam em seu portal que sempre houve a entrega de ajuda humanitária por parte de Israel durante toda a operação (IDF, 2018). No entanto, durante os ataques, não só a infraestrutura do Hamas foi afetada, mas toda a infraestrutura já debilitada da cidade. Conforme o relatório da situação humanitária, emitida pelas Nações Unidas em 01 de janeiro de 2009, havia uma fila de pelo menos 300 metros na frente da única padaria que ainda estava aberta na Faixa de Gaza (UNITED NATIONS, 2018b). O motivo da fila foi o bloqueio irrestrito de Israel para com a Faixa de Gaza. A impossibilidade da entrada de mantimentos na cidade reduziu os estoques de alimentos, levando a população a uma situação degradante de fome. Outras consequências do bloqueio israelense podem ser observadas na escassez de medicamentos e na falta de médicos nos hospitais. Houve relatos de que até mesmo as ambulâncias haviam sido danificadas pelos ataques aéreos israelenses, comprometendo ainda mais a situação na região.

Portanto, *Notas sobre Gaza*, apesar de referenciar o massacre nas aldeias de Khan Younis e Rafah em 1956, também pode estar se referindo aos ataques à Faixa de Gaza em 2009. Apesar de não serem tão claras as evidências deixadas pelo autor, possivelmente ocasionadas pela proximidade dos eventos no ato de desenhar a página inserida no capítulo *Notas sobre Gaza*, não podemos descartar que essa inserção em janeiro de 2009 seja uma simples coincidência. Afirmar isso é considerar certa inocência por parte do autor e, assim, descaracterizar qualquer estratégia que ele tenha tido para não deixar que o massacre na operação “Cast Lead” se tornasse rapidamente uma nota de rodapé na história palestina.

MAIS UMA NOTA EM UMA LONGA HISTÓRIA

Portanto, após a análise, podemos compreender que os acontecimentos presentes e *Notas sobre Gaza* estão muito interligados. Diante dos desdobramentos após o 11 de Setembro de 2001, houve a movimentação para a implantação da agenda neoconservadora para a política externa estadunidense. Na esteira do medo irracional entre os estadunidenses, muito dele disseminado pelos meios de comunicação que alertavam sobre o perigo de um novo ataque iminente por parte dos terroristas fundamentalistas islâmicos, a opinião pública possibilitou o aval para a implantação das diretrizes da agenda neoconservadora. Dentre suas medidas, a necessidade de utilizar o poder norte-americano de forma moralista para a garantia da hegemonia benevolente e a

necessidade de aliados na luta contra o terrorismo são destaque para se compreender onde *Notas sobre Gaza* pode ser entendido nesse quadro histórico.

Sendo Israel um dos maiores – se não o maior – aliados dos Estados Unidos no Oriente Médio, foram pontuais na luta contra o terrorismo em sua região. Os dados apontados pelos estudos realizados pela Uppsala University demonstram claramente a escalada de violência na região. Mas a questão norteadora de nosso trabalho consiste em compreender os motivos da produção e da publicação de *Notas sobre Gaza* sobre os massacres as aldeias de Khan Younis e Rafah em 1956, eventos esses que são considerados pelo autor como “notas de rodapé”, ou seja, eventos secundários de um macroacontecimento. Sendo esses acontecimentos secundários e, portanto, não considerados como eventos importantes de uma narrativa principal, são por muitas vezes esquecidos. E perto da data de lançamento de *Notas sobre Gaza*, ocorre na Faixa de Gaza a operação “Cast Lead”, que durou pouco mais de vinte dias e levou à morte mais de 1400 palestinos, dentre eles mais de 300 civis.

Como podemos observar, o periódico estadunidense *The New York Times* informava, um dia após os ataques, que a ofensiva de Israel era uma operação em defesa contra os mísseis do Hamas, disparados contra a população civil israelense. Além disso, o periódico frisava constantemente os pronunciamentos de retaliação por parte dos líderes do Hamas. Por outro lado, podemos constatar que, conforme documentos emitidos pelas Nações Unidas e pela Anistia Internacional, o que parece ter ocorrido foi um ataque de proporções díspares por parte das Forças de Defesa de Israel. Apesar de a própria FDI informar, em seu portal na internet, que a operação visava somente alvos específicos, como a infraestrutura e pessoas ligadas ao Hamas, outros documentos representavam atrocidades como a utilização de escudos humanos e o bloqueio de apoio humanitário para a Faixa de Gaza.

Portanto, analisar *Notas sobre Gaza* como fonte e objeto de nossa pesquisa possibilitou que pudéssemos ir além de suas páginas e investigar acontecimentos que permeiam sua produção. Visto que Joe Sacco inseriu posteriormente a imagem 1, que, à primeira vista, representa os ataques à aldeia de Khan Younis em 1956, o fato de desenhar aviões bombardeando a aldeia faz referências implícitas à operação “Cast Lead” de 2009. Por estar adjacente temporalmente aos acontecimentos, sua visão de mundo foi representada de forma confusa; no entanto, após investigação, podem ser observadas as referências aos ataques contra a Faixa de Gaza em 2009. Assim sendo, construir essa

ligação com o presente faz jus a sua proposta em *Notas sobre Gaza*. Se a intenção é não deixar que um evento secundário seja esquecido, remeter o leitor para a operação “Cast Lead” foi uma maneira encontrada para fazer com que este reflita sobre um acontecimento não tão distante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMNESTY INTERNATIONAL. **Israel/Gaza: Operation ‘Cast Lead’; 22 days of death and destruction**. United Kingdom: Amnesty International, 2009.

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

BRONNER, Ethan; EL KHODARY, Taghreed. Israelis Say Strikes Against Hamas Will Continue. **The New York Times**. New York. 28 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2008/12/28/world/middleeast/28mideast.html?mtrref=www.google.com.br&gwt>>. Acesso em: 13 out. 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHASSAY, Clancy; BORGER, Julian. Guardian investigation uncovers evidence of alleged Israeli war crimes in Gaza. **The Guardian**. Londres. 23 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2009/mar/23/israel-gaza-war-crimes-guardian>>. Acesso em: 13 out. 2018.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CHUTE, Hillary L. **Disaster Drawn: Visual Witness Comics, and Documentary form**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2016.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2003.

FUKUYAMA, Francis. **O dilema americano: democracia, poder e o legado do neoconservadorismo**. Tradução de Novaldo Montigelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GARCIA, Santiago. **A novela gráfica**. Tradução Magda Lopes. – São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GATTAZ, André. **A guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada.** São Paulo: Usina do Livro, 2003.

IDF. **Operation Cast Lead (2008-9).** Disponível em: <https://www.idf.il/en/minisites/wars-and-operations/operation-cast-lead-2008-09/>. Acesso em: 13 out. 2018.

JORGE, Ruy Alves. **A justiça está com os Árabes: História do conflito árabe-israelense.** São Paulo, 1975.

KERSHNER, Isabel; EL KHODARY, Taghreed. Israeli Troops Launch Attack on Gaza. **The New York Times.** New York. 03 jan. 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/01/04/world/middleeast/04mideast.html?pagewanted=all&mtref=www.google.com.br&gwt>. Acesso em: 13 out. 2018.

LEWIS, Bernard. **A crise do islã: guerra santa e terror profano; tradução, Maria Lúcia de Oliveira,** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri, SP: Manole, 2004.

MAZUR, Dan & DANNER, Alexander. **Quadrinhos: História moderna de uma arte global.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. In: **Tempo.** Niterói, n.14, 2002, p.131-151.

SACCO, Joe. **Notas sobre Gaza.** São Paulo, Companhia das Letras, 2010;

SAID, Edward W. **A questão da Palestina.** São Paulo, SP: Unesp, 2012;

UNITED NATIONS. **UNRWA Gaza Flash Appeal.** Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/unrwa-gaza-flash-appeal-january-2009/>. Acesso em: 13 out. 2018b.

UNITED NATIONS. **Gaza humanitarian situation – OCHA report.** Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/gaza-humanitarian-situation-ocha-report-2/>. Acesso em: 13 out. 2018a.

UPPSALA. **Uppsala Conflict Data Project.** Disponível em: <http://ucdp.uu.se/#country/666>. Acesso em: 21 set. 2018.

WILLIS, Susan. **Evidências do Real: Os Estados Unidos pós-11 de Setembro; [Tradução Marcos Fabris, Marcos Soares].** – São Paulo: Boitempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real!:** cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

RECEBIDO EM: 15/04/2020

PARECER DADO EM: 24/07/2020



www.revistafenix.pro.br